



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio

Maria Suzana de S. Menin

Como citar: MENIN, Maria Suzana de S. Prefácio. *In:* BENETTI, Eduardo Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; LEPRE, Rita Melissa; LOPES, Lígia Serrano (org.). **Práticas Morais na Escola: a Construção da Autonomia Moral.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 9-14.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-585-8.p9-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Todas as vezes que me deparo com casos que envolvem crianças, adolescentes e mesmo adultos cometendo infrações graves, violências, indignidades, desrespeitos aos outros, me pergunto como foi a construção de sua personalidade. Afinal, todos foram crianças e passaram, anos e anos, por várias situações que possibilitaram, nas muitas formas de interações com seu meio, um certo tipo de desenvolvimento.

Faço essa pergunta ao considerar, por exemplo, os relatados dos muitos ataques às escolas brasileiras que ocorreram nesses últimos vinte e dois anos e, principalmente, nos dois últimos anos, e que foram cometidos por 39 estudantes e ex-estudantes, na maioria menores de idade, em 376 escolas, com 40 vítimas fatais e 102 feridos (Vinha *et al.*, 2023).

Ora, estamos falando de crianças e adolescentes e devemos nos questionar: quem foram? Como se construíram? Que oportunidades tiveram? Como foi seu ambiente social, emocional e moral? Essas pessoas poderiam ter sido diferentes? E, principalmente, o que foi a escola em suas vidas?

Ainda considerando esses exemplos dos ataques às nossas escolas, os estudantes que os cometeram foram descritos por Vinha e colaboradoras (2023, p. 13) como “[...] jovens que demonstravam gosto pela violência e culto às armas de fogo”, aderiam a valores opressores, como os de misoginia, racismo, nazismo, manifestavam ausência de sentido de vida e falta de perspectiva de futuro. Esses indivíduos frequentemente buscavam pertencimento, reconhecimento e valorização em grupos *online* de comunidades tóxicas que se caracterizam por conteúdos de ódio. Além disso, as autoras destacaram que para todos os autores desses crimes, a escola foi “palco de sofrimento”, ou seja, lugar em que sofreram *bullying*, injustiças, humilhações, exclusão, de modo que a violência contra a escola e seus ocupantes apareceu como uma forma de vingança.

Frente a esses casos e tantos outros em que pessoas agem de modo destrutivo em relação às outras, nossas perguntas sobre como suas personalidades e seus ambientes se construíram são sempre urgentes. São perguntas que nós, psicólogos, pedagogos, educadores, não podemos deixar de fazer a todo tempo. E quem acredita em educação, acredita em possibilidades de mudança e de outras construções possíveis de pessoas para que sejam éticas: solidárias, respeitadoras, justas, enfim, sensíveis às próprias necessidades e as de outros como seres humanos. Esse deve ser um princípio último da educação. A este princípio, muita ciência foi e está sendo construída e nos dá respostas eficazes.

Sabemos, por quase um século de estudos em Psicologia da Moralidade, desde os trabalhos iniciais de Jean Piaget (1977) e tantos outros que se seguiram, que nos tornamos morais por um conjunto de fatores que têm, como ponto principal, as interações sociais que vivemos. Ora, essas interações são tão diversas quanto todos os ambientes que frequentamos e que na atualidade alcançam não só o ambiente físico da casa, da escola, do grupo de amigos, como o virtual, nas comunidades *online* e todos os tipos de acesso, mensagens, jogos e artefatos da internet, cuja extensão e alcance escapam a qualquer tentativa de controle seja de pais, de educadores, ou demais autoridades que pretendam exercer influência na educação de crianças e jovens.

Nesse quadro atual, nunca se tornou tão importante como agora uma educação para a autonomia. Ou seja, aquela educação que auxilie na construção de pessoas capazes, por si próprias, de decidir racional e moralmente que valores seguir em função tanto do bem-estar próprio como dos demais. Pessoas que se mantenham íntegras e coerentes com seus princípios morais apesar de todo o “enxame” (Bauman; Donskis, 2014) de solicitações, seduções, propagações de ideias, tentativas de cooptação, ou mesmo ameaças e sofrimentos que podem vir de todo lado e que por vias *online* transpassam qualquer limite.

Como educar pessoas assim? Como educar para a autonomia? E, sobretudo, como tornar a escola, espaço de mais longa convivência de nossas crianças e jovens entre si, um ambiente o mais propício para essa educação?

Longe de depender apenas de boa vontade e melhores intenções, temos visto concretamente com escolas brasileiras que uma educação para a formação de personalidades éticas, que tenham como centrais valores morais como a justiça, o respeito, a solidariedade, o diálogo como forma de resolução de conflitos, depende de saberes teóricos e técnicos muito bem fundamentados (Menin *et al.*, 2013).

O presente livro organizado por Rita Melissa Lepre, Patrícia Unger Raphael Bataglia, Eduardo Silva Benetti e Lígia Serrano Lopes pretende dar respostas atuais, eficazes e claras à meta de uma educação para a autonomia dando inúmeros exemplos de práticas morais. E faz isso abordando desde a Educação Infantil até a formação de universitários e profissionais, o que o torna uma ferramenta útil para professoras e professores da Educação Infantil à formação universitária.

As autoras e os autores dos capítulos são profissionais seja em Educação, Psicologia ou outras formações em ciências humanas, mestrandas(os), doutorandas(os), professoras(es) universitárias(os). Destaca-se que a grande maioria dos relatos se constitui de experiências levadas pelas(os) autoras(es) em sala de aula; o que lhes dá um valor de efetividade maior. São apresentadas experiências de práticas morais que se iniciam para crianças a partir de 2 anos de idade, o que mostra que essas situações podem e devem ser inseridas na vida escolar desde muito cedo. Como diria Piaget

(1968), se autonomia é um fim da educação, também deve ser seu meio; e esse caminho pode e deve ser construído na escola desde as primeiras interações das crianças entre si, com as(os) professoras(es), com as rotinas escolares, com as regras.

Os procedimentos adotados e ilustrados neste livro baseiam-se fortemente em práticas morais e têm como um dos autores mais citados Josep Maria Puig (1998, 2004). As práticas morais aqui desenvolvidas consistem em formas ritualizadas, rotinizadas e frequentes que possibilitam tanto o autoconhecimento e o autocuidado - práticas de reflexividade - como a resolução de situações moralmente relevantes em que podem participar indivíduos interagindo cooperativamente - práticas de deliberação.

Destaco a criatividade e variedade das práticas morais que são descritas nesta obra e que possibilitam a docentes o planejamento bem estruturado de suas rotinas escolares. Na Educação Infantil, por exemplo, comparecem práticas na roda de conversa entre crianças e sua professora nas quais reconhecem e falam sobre sentimentos; no acolhimento à escola com roda de abraço com expressões de afeto; em jogos que primam pela cooperação ao invés da competição; em pequenas histórias para resolução de conflitos com *role-playing*, reflexão e verbalizações sobre os diferentes papéis dos envolvidos na situação e argumentação sobre formas de solução. No Ensino Fundamental, ilustram-se rotinas estabelecidas para a autorreflexão com exercícios, por exemplo, sobre “mapas de mim” (Tognetta, 2020), com reflexões sobre os próprios valores e sentimentos; ou que buscam o desenvolvimento de habilidades sociais com destaque para a empatia e a assertividade; ou com reflexões em diários sobre a identidade e vivências na própria classe de alunos. No Ensino Médio, a autoavaliação é utilizada por um professor de Química para seus alunos num curso técnico de informática para que se atribuam notas; há também um exemplo de *role-playing* com base em uma peça de teatro em uma aula de Literatura. Finalmente, discute-se, com bom levantamento bibliográfico, os caminhos e dificuldades do desenvolvimento do julgamento moral na formação em Enfermagem e em Medicina.

Cada capítulo com a descrição de práticas para o desenvolvimento moral é composto, também, de uma parte inicial em que se dá suporte te-

órico bem fundamentado. Como vimos, as obras de (Puig, 1998; Araújo; Puig; Arantes, 2007; Garcia; Puig, 2010; Puig, 2004) são as referências principais. Mas há colaboração de pesquisadoras atuais, dentre as quais, destacamos Rita Melissa Lepre, Luciene Regina Paulino Tognetta e Patrícia Unger Raphael Bataglia.

Concluo recomendando a leitura desta obra principalmente por educadoras e educadores que tenham compromisso com uma educação para a autonomia moral, com a certeza de que encontrarão aqui guias muito claros e eficazes para a introdução das práticas morais no dia a dia da escola.

Maria Suzana de S. Menin

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, U. F. de; PUIG, M. J. ARANTES, V. A. (org.). **Educação em valores:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.
- BAUMAN, Z; DONSKIS, L. **Cegueira moral:** a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- GARCÍA, X. M.; PUIG, J. M. **As sete competências básicas para educar em valores.** São Paulo: Summus, 2010.
- MENIN, M. S. S.; BATAGLIA, P. U. R.; ZECHI, J. A. M. (org.). **Projetos bem-sucedidos de educação em valores:** relatos de escolas públicas brasileiras. São Paulo: Cortez, 2013.
- PIAGET, J. Observações psicológicas sobre la autonomia escolar. *In:* PIAGET, J; HELLER, H. (org.) **La autonomia em la escuela.** Buenos Aires: Losada, 1968.
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1998.
- PUIG, J. M. **Práticas Morais:** uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

*Rita Melissa Lepre, Patricia Unger Raphael Bataglia,
Eduardo Silva Benetti e Ligia Serrano Lopes [Org.]*

VINHA, T.; GARCIA, C.; NUNES, C. A. A.; ZAMBIANCO, D. P.; MELO, S. G.; LAHR, T. B. S. *et. al.* **Ataques de violência extrema em escolas:** causas e caminhos. São Paulo, D3e, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/one-page_2310_ataques-escolas-brasil.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

TOGNETTA, L. R. P. **Coragem, moleque.** Mapa de Mim. Americana: Adonis, 2020.